



EJA: LEITURA, LETRAMENTO E CONTEXTO SOCIAL

SÍLVIA RAQUEL NASCIMENTO

Universidade Estadual da Paraíba
escolapequenogigante@hotmail.com

Resumo: Este trabalho intitulado “*Educação de Jovens e Adultos: leitura, letramento e contexto social*”, objetiva apresentar o processo de formação leitora e a posição do aluno/leitor enquanto sujeito constituinte e constituído em meio ao processo de leitura. O interesse para essa temática nasceu a partir da observação da atuação e desenvolvimento dos alunos nas aulas de leitura em uma sala de aula de EJA, levando-nos a desenvolver um projeto de leitura fundamentado em estudos teóricos no enfocando a figura do leitor enquanto sujeito atuante na prática leitora entrelaçado ao letramento como prática social. A partir da coleta de dados e desenvolvimento de um projeto interativo de leitura motivacional com a turma em análise, lançaremos a proposta de que o universo letrado que circunda aos alunos se torne na prática contínua de sala de aula um instrumento de suporte no processo de ensino aprendizagem com jovens e adultos, tendo essa pesquisa a premissa de contribuir para o redirecionamento do ensino de Língua Portuguesa na perspectiva sociointeracionista, visando trazer às aulas um novo olhar acerca do ensino e da prática de leitura enquanto algo essencial aos jovens e adultos diante das vivências sociais, despertando à apreciação e importância dos textos encontrados no universo escolar, bem como as diferentes fontes de leitura encontradas no cotidiano dos alunos.

Palavras-chave: Leitura, Letramento, Contexto social, Educação de Jovens e Adultos.

Introdução

Na realidade em que vivemos, em meio ao bombardeio de novas informações e modernizações tecnológicas, somos impulsionados a acompanhar um ritmo acelerado de constantes mudanças no cotidiano e podemos observar que tais mudanças adentraram ao universo educacional. Mesmo que o âmbito escolar sempre tenha sido denominado enquanto um campo que está em constante processo de aperfeiçoamento em busca da qualidade, existe a necessidade de acompanhar o novo ritmo, pois os avanços tendem a atrair nossos alunos para uma nova realidade social, consequentemente, nota-se

mesmo que em ritmo muitas vezes bem mais lento em comparação com as práticas sociais do cotidiano do capitalismo global, a escola não deixa de sentir os efeitos coercitivos das relações humanas e mercadológicas, em constante transformação (MELO, OLIVEIRA, VALEZI, 2012. p. 147),

tornando a prática docente um desafio aos profissionais da área, levando-os a aplicar mudanças em sua rotina metodológica.

Podemos observar que o professor de Língua Portuguesa pode ser considerado eixo fundamental diante do norteamento dos alunos no que tange ao incentivo e à formação leitora frente às inovações elencadas atualmente. O foco da escola precisa ser o de formar leitores autônomos, críticos e competentes para desenvolver uma leitura crítica do mundo. Mesmo sabendo que esta prática ainda não é desenvolvida efetivamente em muitas escolas, cabe aos professores buscar mudar sua postura visando que o ensino de língua tenha como premissa uma formação leitora que



possibilite aos alunos o prazer pela leitura, despertando-os para o seu papel interativo enquanto leitor, bem como incentivando e orientando para que venham a realizar leituras diversificadas, podendo ser capaz de compreender e inferir criticidade sobre os mais variados textos que venham a ler.

A escola ainda necessita melhorar em vários aspectos, mas precisa ter como foco a formação educacional enquanto uma prática social motivadora que visa obter resultados promissores no desenvolvimento dos alunos enquanto cidadãos que tenham uma atuação proficiente diante do universo letrado que o circunda. O aluno/leitor precisa ser orientado a vivenciar o ato da leitura como uma prática cultural, tendo em sala de aula (e fora dela) a experiência dinâmica de significar e apreciar o que lê. No livro *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*, Marisa Lajolo (1993) denota que a posição do bom professor se limita a função propagandista persuasiva ao incentivar a leitura enquanto um “produto” essencial para ser consumido. Desse modo, cabe ao professor incentivá-la, podendo fazer uso da leitura dos mais variados gêneros como uma atividade de construção e reconstrução de sentidos, incentivando para que esta prática não venha a perder sua essência em meio às vivências cotidianas atuais deste acelerado processo desenvolvimentista. É interessante salientar que

o letramento é aqui considerado um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e poder. (KLEIMAN, 1995: 11)

Dessa inquietação surge a necessidade de lançar mão de novas propostas nas aulas de Língua Portuguesa (em meio a uma prática interdisciplinar), visando focar a necessidade de se rever a postura empregada ao ensino/incentivo da leitura, mesclando-o concomitantemente aos recursos disponíveis no espaço escolar, bem como aqueles presentes no cotidiano dos alunos. Para tanto, lançamos a proposta de desenvolvimento de um projeto de leitura com uma turma de EJA. Mesmo que tal proposta venha ser desafiadora, por se tratar do trabalho de pesquisa/análise e intervenção em meio ao processo de assimilação da leitura por parte de um público que já possui vasto conhecimento dos letramentos sociais, é viável focar que há a necessidade de buscar dinamizar a aula e tomar a práxis em sala de aula como premissa, estabeleceremos um elo de impulso para o sucesso do estímulo à prática da leitura, podendo esta partir do contato direto com gêneros encontrados no ambiente da própria escola campo, na busca pelo despertar para a compreensão do aluno acerca do que fora lido, podendo este abranger seus conhecimentos ao ir em busca de outras fontes de informações, tal como a internet, enquanto uma fonte de pesquisa a ser lida, compreendida, socializada e aproveitada cotidianamente.



1. Enveredando pelos caminhos da leitura na EJA

A Educação de Jovens e Adultos é um processo a ser considerado desafiador, pois os alunos já trazem consigo um vasto leque de conhecimentos prévios e cuja formação cidadã é ‘plenamente’ formada e atuante dentro da sociedade, sendo assim, o que tais alunos buscam/precisam aprender no universo escolar? Para respondermos a este questionamento poderíamos iniciar tomando por base uma necessidade sofrida pelos alunos desta realidade, conforme nos aponta a seguinte afirmação:

Quando as pessoas não são habilitadas para fazer uso da leitura e da escrita, a capacidade de compreender e invocar direitos pode ficar muito limitada, representando uma severa restrição: o sujeito fica impossibilitado de ler para saber o que tem condições de exigir e como fazê-lo. (Alves, 2013:180)

Grande parte do público estudantil da EJA frequenta a escola na busca por desenvolver seus conhecimentos acerca da leitura e da escrita visando ter autonomia para atuar em meio às vivências sociais, almejando ter plenos conhecimentos para lutar por seus direitos, mas “esse é um terreno em conflito, pois ao mesmo tempo em que há um forte desejo de aprender há também o medo e a insegurança do desconhecido”(Alves, 2013:180). Os alunos sentem o desejo e a necessidade de estudar, mas demonstram medo e muitas vezes tendem a desistir. Com isso, intensifica-se a necessidade de se desenvolver uma prática pedagógica atrativa e instigante ao público alvo, buscando torná-lo sedento pelo querer aprender. O aluno jovem e adulto precisa considerar-se como uma parte colaboradora no processo de troca de experiências e participante do diálogo da sala de aula, pois

Entende-se que a construção do processo de alfabetização de alunos adultos precisa ser pautada pela existência das relações dialógicas em sala de aula, no que diz respeito à escolha de conteúdos e métodos que possibilitem a discussão e a problematização da realidade do sujeito EJA. A posição do aprendiz professor, assim como prestígio dado ao conhecimento trazido pelo aluno, possibilita uma rica atmosfera em que os sujeitos percebem-se como construtores do próprio conhecimento. (Alves, 2013:181)

A necessidade de observar o ensino da leitura enquanto uma prática social, tendo como foco o aprimoramento da cidadania e do letramento, fez surgir este trabalho visando desenvolver uma pesquisa referente à prática de leitura reproduzida pelos alunos da turma de Educação de Jovens e Adultos da Escola Ageu Genuíno da Silva, localizada na cidade de Campina Grande. A partir da coleta de dados e desenvolvimento de um projeto interativo de leitura motivacional, será proposto que a leitura literária e as novas tecnologias sejam tomadas como instrumentos de suporte para despertar-facilitar-superar as dificuldades de aprendizagens (em especial as questões relacionadas à aquisição e à prática da leitura) apresentadas pelos alunos da EJA.



É importante salientar a leitura na EJA precisa ser intensificada como algo essencial a todos os alunos enquanto cidadãos, os quais estão inseridos em meio ao universo educacional como atuantes de uma prática democrática. Partiremos do posicionamento “metafórico” de Lajolo (1993: 63) acerca da leitura quando ela afirma que a leitura, como linguagem a que se confiam diferentes imaginários, sensibilidades, valores e comportamentos, é importante ao currículo escolar, pois o cidadão, para exercer a cidadania, precisa apossar-se da linguagem, mesmo que nunca vá escrever um livro, mas porque precisa ler muitos.

Incentivar a leitura é fundamental e há a necessidade do aproveitamento das novas tecnologias como uma relação facilitadora do ensino/aprendizagem, pois por meio desses recursos o aluno/leitor é levado a envolver estratégias que podem ser tomados como ponte para o despertar do aprimoramento do ato de ler, bem como, podem tornar-se leitores críticos e dotados de competências para expor o que entendeu do texto lido, visando-se superar dificuldades de compreensão enquanto leitores.

2. Teoricamente falando: Por que incentivar a leitura na EJA?

Em meio ao acelerado ritmo de modernização em todos os âmbitos sociais, o trabalho com a leitura deve ser focado por meio de um olhar que visa à existência de múltiplas relações com o despertar do imaginário do leitor, levando o professor a realizar um vasto leque de práticas que proporcione ao educando o despertar, a fruição, o estímulo pelo “querer aprender” e o prazer pela leitura, estabelecendo a formação de um leitor que aprecie e compreenda esse ato (mesmo que inconscientemente) como uma base para a construção de seus próprios conhecimentos – de forma significativa e prazerosa. Mas, vale salientar que

A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. (KOCH e ELIAS, 2014:11)

Embora professores reconheçam a importância de se desenvolver a compreensão e o raciocínio dos alunos por meio do processo de leitura, na realidade esses aspectos não parecem fazer parte do conjunto de objetivos principais a serem atingidos pela educação, já que na prática a escola, muitas vezes, não tem valorizado o pensar e o transformar. Pouco tem sido feito no sentido de despertar no aluno a capacidade de aprender a aprender.

Teoricamente, a formação dos alunos enquanto bons leitores é premissa de todas as esferas educacionais, no entanto, nem sempre as instâncias escolares estão devidamente preparadas ao



oferecer suporte para a formação da aprendizagem, pois seria necessário desde o acesso a uma biblioteca na escola ao desenvolvimento de propostas/projetos escolares que buscassem promover e disseminar o hábito de leitura(s) por parte dos alunos. Mas, comumente a leitura e a literatura estão limitadas a servir de meros pretextos artificiais.

Em sala de aula, a literatura sofre um processo de escolarização, tornando-se alvo de discussão sobre como trabalhar o texto literário sem torná-lo pretexto para o ensino-aprendizagem de outras questões, como, por exemplo, algumas noções gramaticais. (MARTINS, 2006, p 83)

A realidade vivenciada em muitas aulas que envolvem a prática da leitura é algo distante daquilo que gostaríamos que fosse. Muitas vezes, nas aulas de Língua Portuguesa além de solicitar a leitura do texto para ser usado como pretexto, há a mera imposição da leitura cujo objetivo limita-se à realização de atividades estritamente escolarizadas, levando o ato de ler a ser entendido pelo leitor como uma enfadonha obrigação e as escolhas particulares do aluno tornam-se desrespeitadas, sendo uma atitude que vem a inibir as competências do aluno enquanto um ser leitor e escritor de textos.

Diante dessa afirmação:

o livro didático, quando usado enquanto única fonte de conhecimento na sala de aula, favorece a apreensão fragmentada do material, a memorização de fatos desconexos e valida a concepção de que há apenas uma leitura legítima para o texto. (KLEIMAN, MORAES, 1996, p. 66)

é possível concordar que livro didático também pode vir a ser outro entrave nas aulas de linguagem, por ser direcionado como um meio predominante na utilização da leitura enquanto algo restrito, ou seja, a leitura desenvolvida pelo aluno tende a limitar-se a atender interpretações preestabelecidas, restringindo a apreensão do aluno/leitor, castrando-lhe a liberdade de expressar posição acerca da leitura. Vale salientar que a literatura aparece em muitos manuais didáticos acompanhada por concepções estigmatizadas, mas a problemática muitas vezes não pode ser considerada enquanto algo unicamente do material didático em si, mas, principalmente na maneira que os livros são trabalhados nas aulas de linguagem. Assim, emerge a necessidade de que o professor de linguagem precisa rever a sua prática pedagógica ao trabalhar com o estímulo à leitura, pois “a leitura deve preencher os objetivos prioritários da escola porque nos permite o acesso ao imenso acervo cultural (...), a ampliação de nossos repertórios de informação.” (Antunes, 2009, p. 193).

Atualmente, em meio a um contexto que intensifica a importância da leitura na vivência social, a enorme velocidade de elaboração de novos conhecimentos e a disseminação dos mesmos, ser analfabeto implica ser excluído de poder estar “inserido plenamente” nas esferas da sociedade.



Assim sendo, há a necessidade do cidadão buscar as salas da EJA os conhecimentos escolares, mesmo que este aluno traga consigo um amplo campo de conhecimento de mundo já adquirido no decorrer da sua vida ele sente a carência por conhecimentos.

Ao professor da Educação de Jovens e Adultos não basta ensinar um saber, mas é preciso que ele norteie os conhecimentos prévios do aluno e apresente outros novos, estruturando-os na busca de formar um aluno leitor que seja dotado de saberes que atendam as novas exigências sociais, culturais e tecnológicas. Ensinar a ler precisa ter como foco atender a dinâmica da sociedade para compreender a diversidade de funções que a sociedade hoje requer. É, portanto, condição para o processo de construção do conhecimento e para apropriação dos bens culturais.

Na EJA há a necessidade de se utilizar a imaginação aliada à capacidade criativa no ato da leitura, tal ação certamente é exercida como automática para que o leitor possa expressar seus sentimentos de maneira pessoal e construtiva, sendo ‘parte’ na história lida. Dessa forma é possível considerar que o caráter crítico é outro fator decorrente da utilização da construção de conhecimentos, pois utilizando-o o aluno tem a possibilidade de repensar outras questões, formular novos conceitos e valores, os quais contribuem para sua formação intelectual e de personalidade, possibilitando o aumento da autoestima devido ao fato de poderem compreender melhor o mundo em que vive.

Cabe ao professor possibilitar ao aluno a oportunidade de construir seus saberes a partir de textos que tenham sido escolhidos de acordo com a capacidade interpretativa e conforme o interesse do aluno, dando a liberdade para que o aluno escolha seu próprio texto e/ou sugira alguma temática para que o professor venha a indicar textos para serem apreciados pelo aluno, pois todos “nós temos em nossas mentes modelos culturalmente construídos do evento de letramento” (Street, 2014: 147), o que leva ao professor a tomar as experiências e sugestões dos alunos na perspectiva de despertar as experiências prévias de leitura e de mundo, incitando o prazer pela leitura.

3. Metodologia: Chegando a sala de aula, como e o que propor?

Ao chegar à realidade de sala de aula na escola campo podemos nos indagar questionando: Qual leitura é interessante ao público da EJA?. Mas, esse não é único ‘entrave’ ao se iniciar uma proposta de análise, seguida de uma possível intervenção por meio do desenvolvimento de um projeto motivacional de leitura em relação às vivências/hábitos/práticas de leitura em uma turma polivalente de 1º Ciclo da EJA (Alunos em nível de 2º e 3º ano do Ensino Fundamental I), há uma necessidade por sondar a realidade da turma, bem como reconhecer o nível de leitura em que os



alunos se encontram. Para tanto, inicialmente houve a observação de aulas, nas quais percebemos uma metodologia totalmente interdisciplinar, denotando que a dificuldade dos alunos para realizar as atividades propostas se dava principalmente por apresentarem dificuldades para ter autonomia na leitura e na compreensão das atividades.

Foi a partir do reconhecimento inicial acerca da realidade da turma que podemos estruturar como seria o desenvolvimento deste projeto motivacional de leitura. Observamos uma turma de 23 alunos assíduos, com uma faixa etária diferenciada que perpassa dos 16 aos 63 anos de idade, em sua maioria trabalhadores da construção civil e domésticas, os quais no turno da noite, em meio ao cansaço, vão em busca por conhecimentos para “serem alguém melhor na vida” (como eles nos falaram). É notório que a turma anseia aprender e busca essa realização na escola.

A escola dispõe de vários recursos, mas os mesmos estão voltados, predominantemente, ao público infantil, a exemplo da biblioteca, a qual apresenta uma ótima estrutura física e seu acervo pode ser considerado como relativamente bom, mas não é atrativo ao público da EJA por conter, em sua maioria, livros infantis e aqueles que poderiam interessar aos jovens e adultos são livros bastante longos, escritos com letras muito pequenas e de difícil compreensão a leitores principiantes.

A nossa premissa foi o desenvolvimento do projeto de acordo com a realidade vivenciada na escola Ageu Genuíno, mas como não tivemos tempo para realizar atividades de sondagem para consultar qual seria o tipo de leitura interessante à turma, buscamos e encontramos em meio ao acervo da sua biblioteca uma grande quantidade de CORDEIS. Após folhear e ler brevemente alguns deles, selecionamos o Cordel: “Viva São João: sem fogueira e sem balão”, escrito por um importante cordelista da região – Manoel Monteiro. Tal escolha se deu por considerarmos que:

A experiência com a poesia oral está presente em toda a comunidade, em qualquer região do país. Neste sentido, é importante valorizar as experiências locais, descobrir formas poéticas que circulam no lugar específico de cada leitor. Certamente há diferentes manifestações da poesia popular nas diferentes regiões. Descobri-las, dar-lhes visibilidade é uma tarefa da maior importância na formação leitora e cultural de nossos alunos. (MARINHO, 2012: 126-127)

Outro critério para a escolha desse cordel foi por ele além de abordar questões que estão intimamente ligadas as vivências culturais dos alunos, apresentar ligação ao eixo temático a ser trabalhado dentro das propostas de ensino da Secretaria de Educação do Município de Campina Grade, cujo tema é Educação Inovadora pela Construção de uma Cultura de Paz, dando-nos abertura para mesclar a motivação pela leitura a partir de um gênero da literatura popular – o Cordel, enquanto fonte interdisciplinar, levando-nos a propor o aprofundamento de conteúdos



apresentados no enredo do folheto, através da solicitação de pesquisas fazendo uso da internet como fonte de leitura/conhecimento, na perspectiva de aproveitar a sala de informática da escola enquanto um recurso pedagógico atrativo para desenvolver/estimular a leitura dos alunos, levando-os a realizarem pesquisas relacionadas aos temas levantados no cordel, interrelacionando disciplinas como história, geografia, ciências e português.

4. Resultado e Discussão: Proposta de intervenção

Após sondar a realidade da turma (diagnosticando que os alunos apresentam dificuldades na leitura), conhecer os recursos disponibilizados pela escola e selecionar, na biblioteca da escola, uma literatura em cordel para servir de ponte no incentivo pela prática da leitura, iniciaremos o nosso processo de intervenção, o qual se deu de maneira descontraída e instigante. Vamos elencar os passos seguidos conforme o desenvolvimento do projeto de leitura e a proposta de intervenção:

AULA 1: Sondagem da realidade da turma por meio da observação de uma aula.

AULA 2: Consideramos a leitura oral dos folhetos de cordel como essencial para ‘significá-los’. Sendo assim, o cordel “Viva São João: sem fogueira e sem balão” foi ofertado aos alunos de maneira interessante, pois os cordéis estavam pendurados em um varal sobre o quadro e, ao chegar em sala de aula, o aluno era convidado a pegar um cordel no varal, dirigir-se ao seu lugar e tentar descobrir de que se tratava. Após a acolhida da turma foi apresentado do vídeo ‘O cangaceiro’, o qual apresenta a narração de um cordel seguida por imagens em estilo de xilogravura relacionado à encenação de uma literatura de cordel. Em seguida, houve uma roda de conversa sobre: O que mais chama atenção no vídeo apresentado? Que ‘pequeno livro’ é esse que vocês receberam? Qual é o título? Quem escreveu? Quais as características e semelhanças da imagem apresentada na capa do ‘livrinho’ com as imagens apresentadas no vídeo assistido? O que é cordel? Por que ele recebe esse nome?, entre outros questionamentos. A partir do ensejo no que se refere às imagens e a forma de falar apresentada no vídeo aproveitamos para realizar a leitura do cordel escolhido (“Viva São João: sem fogueira e sem balão”), lendo-o de forma a salientar a musicalidade e entonação das rimas. Tal leitura foi realizada várias vezes, inicialmente sem que os alunos acompanhassem o texto verbal, mas nas vezes posteriores eles já eram despertados a acompanhar. Socializamos algumas temáticas abordadas no texto, tais como festa cultural, importância dos cuidados com o meio ambiente, estilos de danças, ritmos musicais, entre outros. Os alunos grifaram todas as palavras *São João* presentes no texto, levando-os a desenvolverem a leitura e identificação de palavras dentro do texto.



AULA 3: Seguindo a proposta de interdisciplinaridade desenvolvida conforme a realidade da turma, solicitamos a leitura coletiva alguns de alguns problemas matemáticos que foram formuladas a partir de situações presentes no enredo do cordel, os problemas foram resolvidos grupalmente e logo após houve a socialização e correção da atividade, observando-se a relevância do domínio da leitura para se obter a compreensão de uma atividade envolvendo cálculos.

AULA 4: Esta aula iniciou com uma dinâmica para dividir a turma em quatro grupos. Cada equipe foi orientada a estruturar uma apresentação teatral com o cordel em estudo, para tanto os alunos foram levados a realizar a leitura do cordel para terem o domínio de compreensão acerca do que iriam apresentar. O momento de partilha grupal foi bastante proveitoso, pois os alunos leram e dramatizaram a história relatada no cordel e demonstraram interesse ao expressar ter gostado desse tipo de atividade, expondo que gostariam de fazê-la mais vezes.

AULA 5: Na aula seguinte os alunos foram levados à sala de informática (a qual eles freqüentam quinzenalmente para realizar atividades de pesquisas). Chegando lá retomamos a discussão acerca das temáticas apresentadas no cordel, eles foram orientados a pesquisarem, com auxílio, sobre os prejuízos causados pelas fogueiras ao meio ambiente. Ao identificar um site com informações relevantes e peculiares às temáticas trazidas pelo cordel, eles deveriam ler e anotar o que lhe chamou atenção para socializar em sala. Ao voltar para sala fizemos a socialização das informações coletadas solicitando que cada aluno lesse em voz alta o que haviam pesquisado e opinasse acerca do tema, na perspectiva da construção de uma Cultura de Paz. Por fim, dialogamos sobre a importância do hábito da leitura para o desenvolvimento das atividades no decorrer das experiências vivenciadas nos cinco encontros em que estivemos estudando juntos, que se possa melhorar na explanação oral, no nível de compreensão, na capacidade de concentração e, conseqüentemente, na sua atuação social em meio ao universo letrado que os circunda.

Em suma, levamos os alunos a compreenderem que a leitura é algo essencial às vivências cotidianas na atualidade e que há a necessidade do aproveitamento das novas tecnologias como um suporte informativo e enquanto fonte de aprendizagem, ajudando no aprimoramento do ato de ler, bem como, meio para nos tornarmos leitores críticos, informados e atuantes diante das questões sociais.



5. Considerações Finais

Ao apresentarmos um pouco daquilo que propomos com o desenvolvimento de um breve projeto de leitura, tendo como reflexo a positiva motivação da citada turma da Educação de Jovens e Adultos, é interessante salientar que:

sugestões de invenção e reinvenção a partir de texto não devem servir de camisa de força, antes, como momento alegre de tentativa de invenção e posterior socialização do que foi criando. É possível assim criar um ambiente agradável de invenção e apreciação dos folhetos sem o tormento da criação obrigatória. (MARINHO, 2012:142)

O momento de leitura precisa ser algo dinâmico, interessante e instigante. De nada vale se a seleção de autores e textos que sejam desconectados do universo letrado conforme a realidade e os interesses dos alunos da EJA.

Este projeto de leitura aqui relatado busca tornar-se referência de prática de incentivo à leitura, pois ao apresentar uma realidade vivenciada de forma dinâmica em sala de aula, podemos propagar tal sugestão enquanto algo que interessa ao aluno, levando o ensino a ter uma essência interdisciplinar interligada pela significação leitora, primando-se pela qualidade da formação integral do leitor enquanto cidadão que necessita constantemente da leitura em seu cotidiano socialmente letrado.

A partir desta visão o professor poderá despertar e incentivar à leitura, por meio da aplicação de propostas de Estímulo à Leitura, almejando sinalizar que tais construções imaginárias poderão servir de suporte para que o aluno com dificuldades de aprendizagem passe apreciar prazerosamente a leitura, tornando-se, assim, um estímulo à leitura, tornando-a uma prática permeada de emoção, diversões, aventuras e, principalmente, conhecimentos e seus reflexos diante das práticas sociais.

Referências

ALVES, Eliana Maria S. **O conhecimento prévio do aluno na EJA em questão**. In: BORTONIRICARDO, Stella Maris, MACHADO, Veruska Ribeiro. Os doze trabalhos de Hércules. São Paulo: Parábola, 2013.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

KLEIMAN, A. (Org.). **Os significados do Letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

KLEIMAN, A. MORAES, S. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3º ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MARINHO, Ana Cristina. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.